

# DO MITO À REALIDADE O ENSINO DA BOTÂNICA EM PORTUGAL



**Modelo Pedagógico**  
Iris germanica  
Papier-mâché, gesso,  
metal e madeira  
Século XX  
(primeira metade)  
MAHD.2019.3162  
Les Fils d'Emile  
Deyrolle, Paris, França

N uma altura em que o mundo científico internacional procura estudar a comunicação entre plantas e a forma como desenvolvem memória ou nos podem salvar das alterações globais, nós, por cá, vamos perdendo o conhecimento da Botânica, mesmo o empírico e o etnográfico. Rodeados de plantas, dependentes delas para viver no dia a dia (algodão da roupa, celulose do papel, alimentos vegetais, condimentos, medicamentos e até na expressão de sentimentos), para construir o nosso espaço (móveis, tetos, portas, jardins e espaços verdes, ornamentais de interior) e para regular o nosso mundo (produção do oxigénio, regulação do clima, formação de solo, etc.), sabemos, cada um de nós, muito pouco de como são, e como se desenvolvem. A nossa falta de cultura botânica, em Portugal, é o infeliz resultado de um conjunto de eventos históricos que retiraram, dos programas de ensino, progressivamente, do universitário ao básico, o ensino das plantas. A este cenário, não é alheia a transferência, atabalhoada, da Botânica da Farmácia para Biologia, nos anos 40, e o êxodo

de grandes professores para África, nos anos 50, onde criaram bibliotecas sobre a sua flora e vegetação, mas que fizeram morrer as cátedras nas universidades do continente. É que, conhecer as plantas, não é tão fácil, nem intuitivo, como conhecer os animais, que seguem padrões que nos são familiares.

Mas a nossa delapidação desta área fundamental do conhecimento, não é de agora, século XXI. Começou muito antes, quando o centro do conhecimento das Ciências, do ocidente, se deslocou de Portugal e Espanha para terras Anglo-saxónicas e França, no fim da Era dos Descobrimentos e da independência nacional. Fomos, na verdade, o povo que fez - como se costuma dizer - a primeira globalização... baseada e por causa das plantas: foram as especiarias - plantas tropicais - o primeiro objetivo, mas a que se seguiram a cana-de-açúcar, as laranjas, as madeiras do Brasil e toda uma imensidão dos vegetais que agora fazem parte da cozinha recente, recolhidas e trazidas para a Europa pelas descobertas das novas terras. Fizemos os primeiros mapas-mundo dos recursos vegetais, as

primeiras cartas de vegetação de África e do Brasil e recolhemos os saberes dos povos, no uso das plantas, da Índia, África, Japão, Guiné, América. Fomos o centro de conhecimento da botânica do planeta e hoje não sabemos identificar as plantas da região onde crescemos.

Angra, cidade dos descobrimentos, não deixou de estar no centro desse conhecimento e ainda retém, na sua paisagem, muitos sinais dessa sabedoria, que passa despercebida aos nossos olhos. Só a variedade de ornamentais, mantidas nos jardins da cidade e envolvente, da Nova Zelândia ao Brasil, passando pelo Japão, Índia, África e América do Norte, faria corar de inveja muitos jardins do mundo. Mas o modelo 3D da *Iris germânica*, do antigo liceu de Angra, para o ensino da Botânica, agora peça de museu, sem que os atuais alunos tenham acesso a novos modelos, mesmo que virtuais, é a expressão dessa progressiva degenerescência. As próximas gerações, num mundo em profundas mudanças e onde pode voltar a estar, nas plantas, o nosso futuro, despidos de conhecimentos e saberes, terão de confiar em Ciências alheias, que lhes farão pagar bem caro o acesso a bens essenciais.